

Em busca de novos estímulos

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

A partir de julho, a Secretaria de Educação do Distrito Federal vai trabalhar para diminuir o número de alunos com mais de 20 anos no ensino fundamental regular. De acordo com a secretária Maria Helena Guimarães, serão abertas turmas noturnas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com materiais didáticos e apoio de professores para que os estudantes finalmente se formem. “Existe uma cultura equivocada de que o EJA não ensina. Vamos mudar isso”, afirma a secretária de Educação. “Nos próximos meses, estaremos definindo estratégias para os alunos se sentirem estimulados a ir para o ensino noturno.”

A estratégia da secretaria é trazer os estudantes mais velhos, oferecendo ensino semipresencial — aquele que não exige a presença diária do aluno na escola, mas assegura material didático completo e gratuito. Além disso, todos os estudantes farão o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), que serve para avaliar o conhecimento adquirido por eles em sala de aula.

A diretora do Centro de Ensino 7 da Ceilândia, Maria José Fernandes, se adiantou. A escola dela era, de acordo com dados do censo escolar de 2006, a campeã em alunos com mais de 18 anos no fundamental. Só no turno diurno eram 76. “Não posso falar com a mãe de um jovem de 20 anos que não vou aceitá-lo na sala de aula porque ele é mais velho. O mais importante é ele estar na escola”, argumenta.

Na virada do ano, Maria José trabalhou para mudar esse ranking. Tentou arrumar vaga para os alunos mais velhos em salas de Educação de Jovens e Adultos. Remanejou cerca de 20 jovens. Os outros foram agrupados em turmas de estudantes mais velhos, para evitar distorções muito grandes de idade entre colegas de classe. Na 6ª série G, por exemplo, o aluno mais novo tem

Paulo H. Carvalho/CB



MAIS VELHO DA TURMA, O ADOLESCENTE DANIEL FREITAS (D) FAZ A 6ª SÉRIE PELA TERCEIRA VEZ, EM CEILÂNDIA: “AGORA VOU LEVAR A SÉRIO. JÁ REPETI DEMAIS DE ANO”

15 anos, enquanto na 6ª série A todos os estudantes têm 12 anos.

Daniel Freitas, de 18 anos, estuda na 6ª G e é, visivelmente, o maior de todos os alunos. É a terceira vez que ele faz essa série. “Matei muita aula para ver televisão em casa e ainda passei dois anos sem querer saber de vir para a escola. Deu no que deu”, conta o estudante. Ele é o mais velho da turma e divide a sala com, pelo menos, outros 10 alunos em idade escolar inadequada para a série. “Agora vou levar a sério. Já repeti demais de ano”, promete Daniel.

Atenção redobrada

O principal desafio dos professores que dão aulas para turmas com grande variação de faixa etária é ensinar o mesmo conteúdo para pessoas com diferentes carências e, principalmente, maturidade. “Precisamos de atenção redobrada para não deixar nin-

“

NÃO POSSO FALAR COM A MÃE DE UM JOVEM DE 20 ANOS QUE NÃO VOU ACEITÁ-LO NA SALA DE AULA PORQUE ELE É MAIS VELHO. O MAIS IMPORTANTE É ELE ESTAR NA ESCOLA

”

Maria José Fernandes,
diretora do Centro de Ensino 7 da Ceilândia

guém para trás”, explica o professor de matemática Francisco Zagari. “Cada um tem seu processo de aprendizado e ele deve ser respeitado para não afugentar os estudantes mais uma vez.”

No Centro de Ensino 4, do

Guará, apesar dos 64 anos, o aposentado Milton Lopes senta ao lado de José Wilton, que aos 16 anos também voltou para a escola, depois de abandonar a sala de aula. O jovem precisou de apenas um ano para se arrepender e buscar o

futuro nas páginas dos livros. “Repeti duas vezes a 5ª série e desisti de estudar por um ano. Agora, quero recuperar o tempo perdido e ter mais uma chance de fazer faculdade”, sonha.

Assim como ela, Luana Andreia Silva dos Anjos, de 25 anos, e Agnaldo Maria da Silva, de 31, voltaram para a escola em busca de sonhos. “A primeira vez que entrei na sala de aula eu tinha 11 anos. Parei para ajudar meus pais e nunca mais pude voltar. Sempre esperei por esse dia”, diz Luana.

Agnalda quer trocar a profissão de diarista pela de massagista de spa. “Parei de estudar cedo porque me casei cedo. Hoje, separada, cuido sozinha de mim e de meus três filhos. Quero melhorar de vida, arrumar outro emprego. Deus me abençoe para que eu alcance essa graça”, pede. Agnalda ficou 18 anos sem ir à escola e voltou este ano para a 5ª série.